
Practices developed by midwives from territory da Bocaina to assist women in the puerperal pregnancy period

As práticas desenvolvidas pelas parteiras do território da Bocaina para assistência às mulheres no período gravídico puerperal

Received: 23-03-2024 | Accepted: 25-04-2024 | Published: 02-05-2024

Bárbara Albino Cananéa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9457-1791>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: barbaracananea@outlook.com

Nathalia Caitano de Macedo Goulart

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0317-7396>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: nathalinhagoulartt@gmail.com

Juliana Amaral Prata

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1315-7595>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: juaprata@gmail.com

Sandra Cristina de Souza Borges Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9147-5949>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: scriborges@hotmail.com

Edymara Tatagiba Medina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7180-6704>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: edymaramedina@gmail.com

Marcele Zveiter

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6027-2276>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: marcelezveiter@hotmail.com

Anna Christina de Almeida Porréca

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5029-3177>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: annaporreca@hotmail.com

Michele de Lima Janotti Quaresma

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2440-9647>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: michelleljqtrj@hotmail.com

Luciane Pereira de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6463-9626>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: luciane.almeida.013@gmail.com

Ricardo José Oliveira Mouta

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1284-971X>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil
E-mail: ricardomouta@hotmail.com

ABSTRACT

The objective of this study is to describe the cultural practices used by midwives from Traditional Communities in the territory of Bocaina to assist women in the puerperal pregnancy period. It is a descriptive exploratory study with a qualitative approach. Data were collected from April to November 2022, based on semi-structured interviews with midwives in these communities. Data analysis was performed using the Bardin content analysis method. It was observed that the midwives in this territory have different knowledge, but all of them pass through empirical and traditional knowledge. Despite the advancement of science, knowledge, traditions and culture are still practices that they exercise and that are intertwined with mythical-religious affair, especially when it comes to the assistance provided to women in the puerperal pregnancy period. Its cultural practices are the main methods for assisting women in the puerperal pregnancy period, highlighting the use of medicinal plants, sympathies and blessings. It is concluded that midwives, in fulfilling their role, play an important role in health care in their community, especially in women's health..

Keywords: Childbirth, cultural diversity; Normal part; Medicinal plants;

RESUMO

O objetivo deste estudo é descrever as práticas culturais utilizadas pelas parteiras das Comunidades Tradicionais do território da Bocaina para assistir mulheres no período gravídico puerperal . É um estudo de natureza descritiva exploratória com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados de abril a novembro de 2022, a partir da realização das entrevistas semiestruturadas com parteiras dessas comunidades. A análise dos dados foi realizada pelo método de análise de conteúdo Bardin. Observou-se que as parteiras desse território possuem conhecimentos diferentes, porém todas transpassam pelo conhecimento empírico e tradicional. Apesar do avanço da ciência, os saberes, as tradições e a cultura ainda são práticas por elas exercidas e que estão interligadas com questões mítico-religiosas, principalmente quando se trata da assistência prestada a mulheres no período gravídico puerperal. Suas práticas culturais, são os principais métodos para assistências às mulheres no período gravídico puerperal, destacando-se o uso plantas medicinais, simpatias e benzimentos. Conclui-se que as parteiras no cumprimento do seu ofício possuem um papel importante na assistência à saúde da sua comunidade principalmente na saúde da mulher.

Palavras-chave: Parto, diversidade cultural; Parto normal; Plantas medicinais;

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) define "povos e comunidades tradicionais" como grupos que mantêm distintas culturas e se identificam como tal. Esses grupos caracterizam-se pela sua organização social, ocupação de territórios e uso sustentável de recursos naturais, fundamentais para sua reprodução cultural, social, religiosa e econômica ancestral (BRASIL, 2007).

Quando se fala de comunidades tradicionais, vale destacar sua relação de grande respeito e valorização com o passado e seus símbolos, pois integram e preservam a experiência de gerações. A tradição por sua vez é uma forma de resistência, onde se busca lidar com o tempo e o espaço, incorporando toda atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, onde estes são constituídos por práticas sociais recorrentes. (HALL, 2006).

A diversidade cultural também chamada de multiculturalismo tem por objetivo reconhecer e valorizar a diversidade das culturas, a fim de respeitar suas diferenças e manifestações. O Multiculturalismo como vem sendo mais usado atualmente, procura entender e aceitar que existem diversas culturas, tendo empatia e respeitando as diferenças de cada indivíduo ou grupo social, compreende também que não existe somente uma única cultura, que dispõe do conhecimento verídico e universal sobre os saberes, mas que o mundo é formado por um misto de culturas e saberes que devem ser preservados (KRETZMANN, 2007).

Dessa forma vale ressaltar a importância de compreender como se desenvolve a atenção à saúde das mulheres dessas comunidades. Tendo em vista que quando se reflete a questão do saber tradicional e dos valores das comunidades tradicionais, essas comunidades atualmente vem perdendo autonomia, como por exemplo o parto em sua comunidade, e o uso das plantas medicinais. (GALLO e NASCIMENTO, 2019).

Os partos nas comunidades tradicionais eram anteriormente realizados por parteiras locais, cujo conhecimento ancestral era transmitido de geração em geração. Com o passar dos anos, os partos dessas mulheres passaram a ser realizados em hospitais e a prática acabou sendo desvalorizada, sendo realizada apenas em casos de necessidade e emergência (CANANÉA et al, 2023).

É importante frisar que essas mulheres com conhecimentos ancestrais são figuras emblemáticas tanto no nosso país quanto no mundo, e que ao longo do tempo, elas foram perseguidas, desqualificadas, sendo punidas algumas vezes pelo modelo biomédico. Com o surgimento deste modelo, o cuidado popular e cultural prestados por essas mulheres, advindas das experiências e vivências que são passados de geração em geração, sendo desvalorizados pelo avanço da especialidade obstétrica e toda sua tecnologia para sofisticar o momento do parto e nascimento. (OLIVEIRA,2014, PEREIRA 2016, BONFIM et al ,2018)

Segundo o Ministério da Saúde (MS) Brasileiro, a parteira tradicional é a responsável pela prestação de assistência no parto domiciliar, tendo como base de conhecimento antigas práticas tradicionais e saberes e por fim sendo reconhecida pela sua comunidade. Quando falamos de parteiras, falamos também da valorização dos saberes e práticas dessas mulheres. (BRASIL,2010).

Para integrar o papel das parteiras tradicionais como um elemento vital no cuidado materno-infantil, a Rede Cegonha lançou a estratégia do "Livro da Parteira Tradicional". Esta iniciativa visa a acolher e reconhecer o valor das parteiras tradicionais dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). Ele reconhece e valoriza o trabalho das parteiras como parte integrante do cuidado materno e infantil, maximizando o acolhimento e valorização das parteiras pelo SUS, no seu compromisso de defesa da vida e promoção da saúde das mulheres e dos bebês em cada local do Brasil (BRASIL, 2010; BRASIL 2012).

Este livro trás assuntos relacionados à gravidez, parto, puerpério (“resguardo”), aborto e cuidados com o bebê de forma didática e lúdica, visando facilitar o uso pelas parteiras que não sabem ler e escrever, tendo como objetivo principal orientar sua prática complementando seus saberes. Esse material precisa-se ser de fácil entendimento para contribuir na assistência ao parto. (BRASIL,2012).

A partir do exposto, temos como objetivo deste estudo identificar as práticas culturais utilizadas pelas parteiras do território da Bocaina no período gravídico puerperal.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória e descritiva. O estudo foi realizado na região da Bocaina, que abrange o litoral sul do estado do Rio de

Janeiro-RJ, abrangendo os municípios de Angra dos Reis e Paraty e o litoral norte do estado de São Paulo no município de Ubatuba. Essa região é habitada por comunidades tradicionais caiçaras, indígenas e quilombolas, que mantêm vínculos históricos e culturais significativos (GALLO e NASCIMENTO, 2019). Importante frisar que a inserção no território foi autorizada (nº: 062/2022) pelo Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro (INEA-RJ), Diretoria de Biodiversidade, Áreas protegidas e Ecossistemas - DIBAPE, Núcleo de Pesquisa - NUPES, por ser uma área de proteção ambiental.

As participantes desta pesquisa são mulheres residentes neste território que atuam como parteiras e são reconhecidas como tal por suas comunidades. Utilizamos a técnica da Bola de Neve para localizar as participantes, iniciando com o contato com a coordenadora do Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty, que nos indicou líderes de algumas comunidades. Desse modo identificamos cinco parteiras tradicionais. Os critérios de inclusão foram: idade igual ou superior a 18 anos, lúcida e possuir experiência atual ou passada como parteira, independentemente da duração. Excluimos mulheres com dificuldades de fala ou problemas cognitivos. Após a aplicação desses critérios, selecionamos três parteiras para o estudo, que serão identificadas como Parteira 1, Parteira 2 e Parteira 3 para garantir sua anonimidade.

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: um questionário sociodemográfico e cultural, com perguntas abertas para permitir uma expressão completa das participantes, abrangendo características pessoais, saúde, moradia, acesso ao SUS e cultura; e uma entrevista semi estruturada, focada em suas práticas e seus legados como parteiras. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, nos locais escolhidos pelas participantes e gravadas em MP3 para garantir precisão na transcrição.

Os áudios das entrevistas foram transcritos, organizados, interpretados e analisados utilizando o método de análise de conteúdo temática, que envolveu três procedimentos: transcrição, textualização e categorização. Os resultados foram apresentados através da categoria "Práticas Culturais das Parteiras do Território da Bocaina", subdividida em duas subcategorias: simpatias e benzimentos, e uso de plantas medicinais.

O estudo cumpriu os requisitos da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2012), tendo sido aprovado com o Parecer 5.304.446, registrado na Plataforma Brasil (CAAE nº 53121621.3.0000.5282) e no sistema COEP/CONEP com pareceres favoráveis (COEP nº 5.108.628 / CONEP nº 5.304.446).

RESULTADO E DISCUSSÃO

No território pesquisado foram entrevistadas três parteiras as quais possuem histórias diferentes em relação ao aprendizado e aplicação de seu ofício. A parteira 1 tem 68 anos, mora em uma comunidade caiçara na Cidade de Ubatuba – SP, relata que atuava como atendente de enfermagem há 45 anos, e que foi nesse emprego que aprendeu seu ofício, mas se tornou parteira pela necessidade de assistência que a população de seu bairro tinha.

A parteira 2 tem 65 anos, mora em uma comunidade caipira na cidade de Paraty - RJ, relata que aprendeu seu ofício observando seu primeiro parto que foi realizado por uma parteira da região, e assim passou a prestar assistência aos partos, tornando-se uma referência para sua comunidade.

A parteira 3 tem 92 anos, mora em uma comunidade indígena, localizada na cidade de Paraty - RJ, fala a língua guarani, portanto se fez necessário uma tradutora para entrevista. Ela relata que se tornou parteira por dom e por desejo de aprender o ofício.

As práticas culturais utilizadas pelas parteiras do território da Bocaina

Quando se fala de comunidades tradicionais, vale destacar sua relação de grande respeito e valorização com o passado e seus símbolos, pois integram e preservam a experiência de gerações. A tradição por sua vez é uma forma de resistência, onde se busca lidar com o tempo e o espaço, incorporando toda atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, onde estes são constituídos por práticas sociais recorrentes. (HALL, 2006).

Atualmente existe uma luta das comunidades tradicionais pelo reconhecimento e a asserção da sua identidade, que por sua vez é construída pelas

suas diferenças, essa luta é um grande exemplo de busca por validação do passado e história das comunidades. Apesar de inúmeras tentativas de silenciar esses grupos culturais, a luta por reconhecimento se encontra cada dia mais significativa para seus povos, a afirmação pela identidade cultural ocorre mediante ao reconhecimento de suas diferenças, que estão caracterizadas nas formas únicas de vida, na relação com a biodiversidade, na relevância e representação dos territórios que ocupam e especialmente na riqueza cultural que as comunidades representam, o qual formam um patrimônio cultural (KRETZMANN, 2007).

Nesse sentido, o Ministério da Saúde brasileiro implantou várias políticas públicas para redução da morbimortalidade materna e infantil. Trazendo a questão do parto como evento fisiológico sem necessidade de intervenções, ele reconhece as assistências prestadas pelas parteiras nas diversas partes do país. Assim, as parteiras das comunidades da bocaina tentam manter suas tradições na assistência às mulheres no período gravídico puerperal através de práticas culturais para manutenção dos seus conhecimentos ancestrais e bem estar das mulheres. Dentre essas práticas temos:

Simpatias e benzimentos

Durante a análise das narrativas é observado o uso das simpatias, benzimentos e rezas na assistência ao parto, principalmente com o objetivo de empoderar a mulher no processo de parturição. É importante salientar que essas simpatias, rezas e benzimentos são realizados de forma conjunta durante o parto. As falas mostram principalmente a utilização desses conjuntos de práticas quando se tem dificuldade na saída da placenta. Nesse caso utiliza-se a reza para Santa Margarida que é considerada protetora das mulheres grávidas e parturientes. (FREITAS, 2002). Conforme os depoimentos a seguir:

"Aí daqui a pouco, a placenta, cadê? Não vinha, de jeito nenhum...Aí tô esperando e nada... tô fazendo massagem nela e nada, falei assim, "ah, quer saber de uma coisa, vou fazer uma simpatia aqui". Aí peguei, fui lá, pedi ao marido dela, a sogra dela, para ir na cozinha e pegar três caroços de feijão preto... é que isso é uma simpatia né. Aí ela foi, mandei ela engolir, ela engoliu os três caroços de feijão." (Parteira 2).

“Aí peguei, falei umas rezas lá né, que a gente fala que... “minha Santa Margarida, não tô prenha, nem parida”. Hum, quando eu falei isso meu, o negócio pulou lá no canto... é rapidinho minha fia.” (Parteira 2).

As rezas realizadas pelas parteiras eram diversas, podendo ser realizadas em momentos diferentes, durante o pré parto e parto caso acontecesse alguma complicação, e no pós parto em reconhecimento por ter tudo corrido bem. (SOUSA,2021).

Há estudos que apontam que as parteiras tradicionais durante a assistência às mulheres , tinham preocupação com a saída da placenta, pelo risco de hemorragias e morte materna. Durante a assistência quando ocorria a dequitação demorada, as parteiras rezavam para Santa Margarida e faziam uso de outras rezas e simpatias. O homem da casa ficava encarregado de enterrar a placenta, e as parteiras além das rezas, também adotavam medidas de orientações quanto à higiene e visitas de pós parto e puerperais. (GOMES et al.,2021)

A oração da "Santa Margarida, não estou prenha e não estou parida, tira os pedaços de carne podre de dentro da minha barriga" , é uma das mais utilizadas pelas parteiras para dequitação da placenta . A reza é vista como tão necessária para o sucesso da intervenção quanto a habilidade técnica dessas mulheres. Refere-se de um ato tradicional eficaz que estende-se sobre o sagrado e que cumpre o papel de solicitar a interferência de poderes sobrenaturais no auxílio do tratamento da gestante .(CARDOSO E NASCIMENTO, 2019)

Note-se, no texto, que a oração da Santa Margarida era popularmente conhecida e usada entre as parteiras. Na oração, a menção da carne podre refere a placenta, que já não tem nenhuma funcionalidade e encontra-se em estado de decomposição e por isso precisa ser eliminada de dentro do corpo da mulher, para que ela tenha recuperação de seu trabalho de parto.

A religião e a fé estão presentes na atuação das parteiras 1 e 2, durante a assistência às mulheres. Para elas, a fé em Deus guiará no momento do parto e sobre qualquer mal encontrado pelo caminho. Elas pedem para que Ele esteja a todo momento presente em suas atuações. A Parteira 1 que foi auxiliar de Enfermagem, relata que não faz uso de simpatias, mas que ora para que Deus esteja com ela presente, uma vez que Ele proporcionou esse dom a ela. É fato

notório que apesar das parteiras terem religiões diferentes, ambas colocam Deus como figura principal que as guiam ao longo do trabalho de parto.

“Ah, esse parto difícil aí. Eu sou evangélica né. Eu orei com muita fé. Eu pus a minha bíblia aberta em cima da barriga e pedi a Deus, Senhor, como você deu esse dom pra mim eu não quero que eu seja envergonhada nesse momento. O Senhor me ponha a mão aqui e me ajuda a resolver essa situação.” (Parteira 1)

“Eu me sinto muito feliz né, com isso...Agradeço muito a Deus, né..., Dessas coisa que eu fiz, porque não é qualquer um que faz, né? É uma coisa que a gente tem medo, que a gente não sabe como vai reagir né, mas Deus é maior né.” (Parteira 2)

As parteiras são também consideradas rezadeiras, que alcançam a cura através de seus benzimentos, realizados por meio do seu conhecimento popular, passado de geração em geração . Benzer significa dizer bem de alguém e fazer o bem , está ligado diretamente aos misticismos religiosos junto aos conhecimentos da medicina popular. Na cultura popular o corpo e espírito estão interligados , acredita-se que para todos os males sempre há uma reza para curar. (ECKEL,2020)

O compromisso que as rezadeiras e benzedoras têm com a sua comunidade, faz com que as mesmas reflitam uma imagem de cultura familiar e religiosa e são recorridas por solucionar obstáculos encontrados no dia-a-dia. Refere-se que Deus deu o dom à elas, atuando como um meio de instrumento, usadas por Ele para que a cura se revele. As enfermidades são convertidas após as rezas, através da força de suas palavras o mal é combatido (ECKEL, 2020).

Nas falas das parteiras durante as entrevistas, contam que são procuradas pelas mulheres de sua região quando estão no trabalho de parto e que, mesmo nos momentos de tensão e medo principalmente quando há alguma complicação, como por exemplo a criança se encontrar sentada, as parteiras tinham a confiança das mulheres .

"Então a simpatia, era pegar a camisa do marido da mulher, você fazia uma rosca daquela blusa do marido,fala pro marido dela senta na cama...Ela sai, o marido senta, e aí se vai,

ele vai e faz assim dobra o joelho dele, vai e coloca aquela rosca aqui em cima do joelho e vem com ela e senta ela aqui em cima, do joelho dele, senta naquele pano, aquela rosca de pano. Aí ela senta ali e eu segurando, a gente que é a parteira vai segura ela, pra ela não cair, não vira né... e ele ali desse jeito assim e ela aqui, com você segurando. Ai se vai e pega um chapéu ou boné e vira pelo avesso e bota na cabeça dela." (Parteira 2)

O cuidado prestado durante o acompanhamento do trabalho de parto, promove a proximidade entre a parteira e a mulher, criando-se laços perduráveis, fazendo com que as atendidas e as parteiras se tratem como comadres na maioria das vezes. O ato de partejar é visto como um “dom” ou como bondade, em vista que essas mulheres elegem o bem estar das parturientes em primeiro lugar. Perante esses atos a imagem da parteira que é uma mulher se altera e passamos a enxergá-las como pessoas amorosas, bondosas e devotadas. (NASCIMENTO,2018)

Durante a entrevista com a parteira 2, é evidenciado a utilização das orações, chás e simpatias nos partos por ela acompanhados. Em suas falas observa-se que seu conhecimento foi adquirido através de outras parteiras, e que seu primeiro contato com o parto foi no parto do seu primeiro filho. Ela conta que observou tudo o que a parteira fazia e dizia, e que a partir desse aprendizado , nas gestações posteriores ela seria a frente de seu próprio cuidado de seus filhos sozinha.

“ Aí quando ela chegou, chegou só para cortar o umbigo e cuidar do neném só, ali. Aí eu fui e aprendi. Falei é assim, tá bom, quando eu ganhar outro sozinha eu mesmo já sei como é que eu vou fazer . Com isso eu aprendi, fui ganhando meus outros filhos. Aí tinha uma cunhada minha que morava aqui e ela precisou de mim, ela me chamou, eu fui, ela ganhou comigo. Aí eu já fiz né.” (Parteira 2)

A atividade de benzer, ou de curar se baseia na fé das pessoas responsáveis pelo ato, e também daquelas que vão recebê-lo, sendo executados por rituais que podem misturar atos sagrados e profanos. A união de diferentes métodos de curandeirismo desde o início do Brasil colônia foi sendo repassado e refinado, fazendo com que a prática da cura por meio dos recursos naturais fosse cada vez mais aplicada. Por consequência, as rezadeiras são procuradas a partir de diferentes métodos - sendo eles simpatias, rezas, chás, e benzeções - tratar com

eficácia da saúde de classes em que a medicina padrão não é capaz de atender por completo. (NERY,2019).

Plantas Medicinais

Durante as entrevistas foi evidenciado que as parteiras faziam uso das plantas medicinais no trabalho de parto e cuidado pós parto. O modo de preparo e a escolha da planta medicinal a ser usada , variam dependendo do que era preciso naquele momento para um 10 desfecho positivo. A parteira 2 era a que mais fazia uso de plantas medicinais em seu cuidado realizado com mulheres.

“Vou usar minhas orações que aprendi com as parteiras, né. Aí rezei o Pai Nosso, né cá, Pai Nosso, Santa Maria, Ave Maria... Aí peguei e fiz um chá pra ela. O chá que eu dava era de erva de São João, você conhece? É que às vezes a mulher estava sem dor eu eu dava para aumentar... [] Porque as mulheres antigamente usavam isso né... era chá e simpatia, que fazia. E eu aprendi , com a parteira que ficava comigo, eu aprendi.” (Parteira 2)

No depoimento da parteira 2, é observado que a Erva de São João era usada durante o trabalho de parto, a fim de aumentar as contrações. É fato notório que o uso da planta vem acompanhado da fé, através das rezas. O conhecimento dessas ervas foi adquirido através de outras parteiras que vem transmitindo esse conhecimento de forma oral através das gerações ao longo dos anos, a oralidade é um dos traços mais evidentes desses saberes e fazeres.

A oralidade é utilizada pela maioria das parteiras como transmissão do seu conhecimento, pois a maioria delas tem a sua origem em extratos sociais inferiores, muitas até mesmo sem alfabetização. Alguns estudos ressaltam a dificuldade de se encontrar registros sistemáticos da atuação dela, o que gera uma lacuna na história desse grupo social. (BONFIM,2018, ÁVILA,2017)

Em um estudo com parteiras Tupinikim, a erva são joão também conhecida como mentrasto, era utilizada na assistência aos partos pelas parteiras ou rezadeiras, para aumentar as contrações uterinas. A erva era consumida através da ingestão, dava-se um pouco do chá e o restante era colocado em uma bacia e banhava a mulher da cintura para baixo. (OLIVEIRA,2014).

A Erva de São João (*Ageratum Conyzoides*) pertence à família Asteraceae, sendo popularmente conhecida no Brasil pelos nomes mentrasto, catinga-de-bode, catinga-de-borrão, erva-de-são-joão, maria preta, celestina, picão-roxo, erva-de-

santa-luzia e camará-opela. Essa erva é encontrada nas regiões tropicais e subtropicais do mundo, incluindo as áreas agrícolas de todos os estados brasileiros, onde infesta principalmente as lavouras de soja, feijão, milho, tabaco, cana-de-açúcar, parreirais e café. É reconhecida pela sua ação analgésica, anti-inflamatória, antibacteriana, depurativa, febrífuga e cólicas menstruais. (BOSI,2012).

A etnobotânica é uma das áreas da ciência que estuda a interação entre o homem e as plantas, podendo ser definida como o estudo da relação existente entre os dois e o modo como essas plantas são usadas como recursos. Permitindo entender os motivos pelas quais as pessoas classificam, manipulam e utilizam certas espécies de plantas. Apesar dos avanços da medicina nos últimos anos, essa prática ainda está presente nas populações indígenas, quilombolas e entre a população rural, sendo considerada importante para o tratamento de doenças. (ALENCAR et al.,2019)

Essas mulheres ao longo dos anos têm sido resistência, mantendo os saberes vivos agregando na riqueza da biodiversidade e na autonomia. Os espaços públicos e privados estão cada dia mais sendo ocupados por saberes tradicionais, que passam por formulações e reformulações. Desde o passado até nos dias atuais, grupos comunitários e especialmente as mulheres, têm utilizado as plantas medicinais para promover a cura física e espiritual. O entendimento sobre as plantas medicinais, foi permitido através das parteiras e herboristas que passavam seus conhecimentos oralmente. (PINHEIRO, SILVA, RODRIGUEZ, 2019).

É importante frisar que apesar do território pesquisado não ter parteiras quilombolas, essas comunidades têm seu conhecimento embasado nas práticas repassadas por parteiras, que também são repassadas pelas Griôt. Segundo Vale, et al (2022) em sua pesquisa sobre práticas alternativas existentes em uma comunidade quilombola foi evidenciado em sua discussão que medicina alternativa dessas comunidades são apreendidos em casa, com a mãe que atua como parteira e curandeira, sendo esse saber reproduzido no âmbito familiar e as mulheres se destacam na disseminação desse conhecimento.

Nesse sentido, os hábitos que envolvem a experiência da gestação, do parto e do cuidado trazem consigo um simbolismo que mescla o campo espiritual, e a combinação de fatores biológicos e culturais de uma determinada região. Um

ponto importante a ser lembrado no que diz respeito ao conceito de memória biocultural, é de que esta representa todo um conjunto de experiências vividas e repassadas por uma determinada população, que desenvolvem seu território e suas gerações futuras baseadas em uma relação de interdependência com a natureza que as cerca. (PINHEIRO, SILVA, RODRIGUEZ, 2019)

O conhecimento prático que surge da relação entre os quilombolas e a natureza ligados ao cultivo, manipulação das plantas medicinais e rituais religiosos utilizado para o tratamento de doenças são indispensáveis para vida desses cidadãos e compreendê-los dentro de suas dimensões culturais pode oportunizar o cuidado em saúde integralizado e holístico.

Importante salientar neste trabalho, que a parteira 3 por ser Índigena tinha receios de falar sobre suas práticas culturais para que não seja apropriada pela cultura hegemônica, descaracterizando essa cultura. Como podemos perceber na fala a seguir:

“Ela diz que se utiliza de plantas mas que não vai falar quais ou para que usa” (Parteira 3 , tradução da entrevista)

A cidadania diferenciada indígena deve expressar e repensar das noções clássicas de sociedade, de Estado e do direito, nesse sentido para que não ocorra descaracterização cultural a inserção democrática da sua pluralidade deve vir concomitante com garantias de sobrevivência física e cultural de seus povos nos espaços territoriais juntamente com a igualdade complexa baseada na sua diferença reconhecida pela constituição, bem como o respeito a sua diversidade humana, social e cultural. (DANTAS, 2014)

Nesse sentido, percebemos pela perspectiva bioética intercultural (PBI) que houve um conflito de base cultural. Desse modo, é importante se atentar ao fator cultural que interfere diretamente no processo de interação e comunicação, gerando um conflito bioético de base cultural, compreendido como a situação moral divergente que envolve as práticas de várias culturas relacionadas. (ALBUQUERQUE, 2015)

As limitações deste estudo se deram principalmente pelo difícil acesso a esse grupo populacional isolado, necessitando de tradutores, meios de transporte específicos para chegar à residência das entrevistadas.

CONCLUSÃO

As práticas culturais desenvolvidas por parteiras em relação ao período gravídico puerperal das mulheres do território da Bocaina, utilizam plantas medicinais, simpatias, rezas e benzimentos. As plantas medicinais estão interligadas com questões mítico-religiosas e mesmo após o avanço da ciência moderna, que está atualmente presente em algumas partes do território da Bocaina, esses saberes se mostram resistentes.

Os cuidados prestados na assistência às mulheres em sua grande maioria eram realizados nos lares das parteiras e das mulheres. Impensadamente esse lar era um ambiente que proporcionava a transmissão de suas heranças culturais. O modo como as parteiras se dedicavam às mulheres, com muita alegria, amor e fé, em um momento de entrega e sensibilidade era extraordinário, o que nos faz entender o motivo dessas tradições e saberes ainda se manterem vivas.

Apesar da medicina se encontrar solidificada no mundo, existem valores que nem ela consegue atender. O homem ainda vive nele a ancestralidade e as tradições, que são transmitidos oralmente e por ações. As práticas das parteiras do território da Bocaina ainda precisam ser mais estudadas para que essas culturas tão vulneráveis nos tempos atuais sejam perpetuadas para outras gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as comunidades caiçaras, quilombolas, caiçaras e indígenas por nos receberem e nos ajudarem a encontrar as parteiras da região. Agradecemos o Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty, em especial a coordenadora Marcela Albino Cananéa que nos direcionou para que pudéssemos chegar às sementes da pesquisa. Agradecemos ao INEA, por nos conceder autorização para a pesquisa nas comunidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. Perspectiva bioética intercultural e direitos humanos. Revista

Bioética, Brasília-DF,(Impr.) 80-8 23 ,(1), Jan-Apr 2015.

ALENCAR, E. M.; CAJAIBA, R. L.; MARTINS, J.S.C.;CORDEIRO, R. S.;SOUSA, E. S.;

SOUSA, V. A.. Estudo etnobotânico do conhecimento e uso das plantas medicinais no município de Buriticupu, Maranhão, Brasil. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v.10, n.6, p.328-338, 2019.

ÁVILA, J.V.C.Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. Acta Bot Bras. 31(1):1-10,2017.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. Livro da parteira tradicional. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. rev. ampl-Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BONFIM, J.O. et al. Práticas de cuidado de parteiras e mulheres Quilombolas à luz da antropologia interpretativa. Revista brasileira em promoção da saúde, 2018.

BRASIL. Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais : oPrograma Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007;

BOSI, C.F. Presença de alcalóides pirrolizidínicos em *Ageratum conyzoides* .Programa de Pós-Graduação em Farmácia da Universidade Federal de Santa Catarina, grau de Mestre em Farmácia-Florianópolis,2012.

CANANÉA, B.A; ET AL. O legado das parteiras das comunidades tradicionais do Território da Bocaina. Revista Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 22 – Ano XI – 10/2022.

CARDOSO M.A.S; NASCIMENTO.R. O dom e a dádiva entre parteiras do Amapá uma abordagem etnográfica.Saúde Soc. São Paulo, v.28, n.1, p.235-249, 2019.

DANTAS,F.A.C. Descolonialidade e direitos humanos dos povos indígenas. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 23, n. 53/1, p. 343-367, maio/ago. 2014.

ECKEL, A.J. A prática do benzimento e o uso de ervas medicinais na comunidade Rio da Areia de Baixo-Mafra (SC). Tese (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FREITAS, M.S. Mãos que Aparam Vidas: Um estudo sobre a prática das parteiras domiciliares de Caruaru. Dissertação em Sociologia. UFPB, João Pessoa, 1997, mimeo.

JUCÁ, L. e MOULIN, N. (Org) Parindo um Mundo Novo: Janete Capibaribe e as Parteiras do Amapá. São Paulo, Cortez, 2002.

GALLO, E. NASCIMENTO, V. (ORG.) O território pulsa: territórios sustentáveis e saudáveis da Bocaina: soluções para a promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável territorializados. Paraty, RJ : Fiocruz, 2019.

GOMES, S.C et al. Cuidados domiciliares de parteiras ao parto. Revista de enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, 2021; 29:e53642.

HALL, S. A identidade Cultural na pós-modernidade. 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRETZMANN, C. G. Multiculturalismo e diversidade cultural: Comunidades tradicionais e a proteção do patrimônio comum da humanidade. Tese (Mestrado) Programa de Mestrado em direito, Universidade de Caxias do Sul - UCS, 2007.

NASCIMENTO, R. M. Mãos mágicas : a prática do partejar a partir da experiência de parteiras tradicionais de Santana. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco– AP, 2018.

NERY, V.C.A. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. NP Folkcomunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia/MG, 2019.

OLIVEIRA, R.S; PERALTA, N; SOUSA, M. J. S. As parteiras tradicionais e a medicalização do parto na região rural do Amazonas. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana. n. 33 - dic. / dez. / dec- pp.79-100, 2019.

OLIVEIRA, V.B. Saberes e práticas das parteiras Tupinikim. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PEREIRA, M.S. Associação das Parteiras Tradicionais do Maranhão: relato da assistência ao parto. Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.3, p.589-601, 2016.

PINHEIRO, P.S; SILVA, M.L; RODRIGUEZ, M.P. Feminismos não hegemônicos contemporâneos: lutas cotidianas em defesa de territórios corpo-terra. Revista *Ártemis*, vol. XXVII n° 1; jan-jun, 2019. pp. 306-321.

SOUSA, I. F. Sagrado Feminino: rituais, rezas e representações das parteiras e das rezadeiras Salgadinho-PB (1960-1980). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História- Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande- PB, 2021.

VALE, F. M. S, ET AL. Práticas alternativas de cura na comunidade quilombola Charco, Maranhão, Brasil. *Concilium*, [S. l.], v. 22, n. 7, p. 391–402, 2022.